



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MICHELLY RAMALHO DE SOUZA

**A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NO ÂMBITO
ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

MICHELLY RAMALHO DE SOUZA

**A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NO ÂMBITO
ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



S729a Souza, Michelly Ramalho de.
A abordagem da sexualidade no âmbito escolar nos anos iniciais / Michelly Ramalho de Souza. - Cajazeiras, 2009. 35f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação sexual infantil. 2. Sexualidade Infantil. 3. Sexualidade- processo educativo. 4. Educação sexual na família. 5. Criança- formação sexual. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88-053.5

MICHELLY RAMALHO DE SOUZA

A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR
NOS ANOS INICIAIS

Monografia aprovada em ___/___/___

Prof^ª Maria Janete de Lima

“Qualquer que seja a forma de espiritualidade ela terá a ver coma consciência de participação
que na essência é amor e na prática é solidariedade”.

(GREMA apud LIMA, 1997:41)

DEDICATÓRIA

A Deus, autor de todas as alegrias que hoje vivo e por me fazer acreditar que eu tenho garra, e que sou capaz quando acredito que sou capaz.

À mamãe Izaura, não tenho seu sangue nas veias, mas sou guerreira, como a senhora havia dito não deu tempo de me ver formada, mas eu cheguei lá, aonde só os corajosos chegam ao topo, tenho certeza de que onde a senhora estiver está torcendo por mim, porque o nosso amor foi tão grande, tão forte e tão imenso que ainda bate dentro de mim. Amo você.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por minha vida e minha força de vontade, por acreditar que não foi em vão e que o caminho ainda não terminou.

A minha família: Pai Bosco, mãe Cileide e irmãs Izaura e Roberta, que estão sempre ao meu lado nas horas que mais preciso.

A minha avó Izaura (em memória) pelos conselhos e exemplo de força e coragem.

A Maza, Haroldo e Clévia por tolerar minha ausência durante todo esse tempo.

As minhas amigas Jamilly, Larissa, Andreia, Isabel e Thamires por demonstrarem carinho, respeito e cumplicidade.

Aos meus amigos da faculdade Jaira, Helton, Geane, Rosicleide, Cristina pela realização de um sonho de uma nova etapa de desfecho da vida acadêmica, aos quais divido também as alegrias, conquista e esta vitória.

A minha orientadora Janete, pela paciência, respeito e por me fazer compreender da melhor maneira o que consegui aprender.

A Hyria por sua capacidade e paciência comigo durante esse tempo.

Obrigado Senhor por tudo que na minha vida apareceu.

RESUMO

A presente monografia aborda o tema da sexualidade no âmbito escolar. Nas instituições de Ensino Fundamental, cada criança traz consigo a vivência do contexto social que está inserida: a curiosidade de descobrir seu corpo, de onde vieram, como nasceram, a diferenciação de gêneros, além, da influência que a mídia exerce sobre o pensamento da criança. A sexualidade está em todos os âmbitos que existe em uma sociedade, por isso ela deve ser trabalhada com propósito positivo. O objetivo deste trabalho é analisar a importância da abordagem do tema sexualidade no âmbito escolar, no intuito de facilitar a compreensão do tema e assessorar na orientação dada pela família. Num primeiro momento contextualizamos os elementos centrais da pesquisa – a família, a mídia a escola. Posteriormente apresentamos os resultados da pesquisa com discentes e docentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Dondon Palitot Gomes, na cidade de São José de Piranhas. A metodologia utilizada para a pesquisa foi o estudo de caso e a técnica de coleta de dados foi o questionário. Quanto aos resultados obtidos, considera-se relevante destacar que o professor deve estar ciente em sua prática pedagógica, não trazendo resquícios e tabus do passado, nem ser um mero transmissor de informações formais, mas sim ser um educador aberto a discussões e ao debate, buscando sempre a formação continuada. Nessa perspectiva, destaca-se que a educação sexual deve fazer parte do Projeto Político Pedagógico das unidades escolares, é preciso que aconteça uma orientação sexual dentro da escola, pois se constatou que esse assunto é trabalhado apenas quando surgem dúvidas, questionamentos e inquietações dos pais e das crianças. No entanto, considera-se que esse tema deve fazer parte constantemente da prática pedagógica nas instituições de educação infantil, por ser fundamental na formação do sujeito.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação Sexual, Criança.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| CAPÍTULO I..... | 10 |
| 1.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NA FAMÍLIA..... | 10 |
| 1.2 A MÍDIA E AS INFORMAÇÕES SEXUAIS..... | 12 |
| 1.3 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA..... | 14 |
| CAPÍTULO II..... | 21 |
| ANÁLISES DOS DADOS..... | 21 |
| 2.1 ESTUDO DE CASO..... | 21 |
| 2.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS..... | 22 |
| 2.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES..... | 22 |
| 2.4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS..... | 24 |
| 2.5 ANÁLISE DO ESTÁGIO..... | 27 |
| CONCLUSÃO..... | 30 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 31 |
| ANEXOS..... | 33 |

INTRODUÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

O trabalho que doravante segue, tem como tema central Sexualidade, tendo como um dos principais elementos embaixador, a sexualidade no processo educativo.

Ignorar, ocultar ou reprimir são atitudes habituais dadas por profissionais da escola, atribuindo a responsabilidade dessa orientação à família. Geralmente as escolas trabalham em ciências naturais o aparelho reprodutivo, mas o fazem por meio de discurso de informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano sem, atender as necessidades e interesse das crianças e adolescentes abordando apenas o corpo biológico. As dúvidas se manifestam e se agravam com ausência não só dos pais, mas da escola pela falta de preparação dos mesmos ou da discussão sobre as diversas fases da sexualidade; empurram as crianças para o esclarecimento de suas dúvidas nas ruas, com os ricos e aprendizados distorcidos, não condizente com os princípios da própria família.

Diante disso buscamos, por meio deste trabalho, mostrar a importância das instituições de ensino tratar deste tema dentro da escola, promovendo intenso debate entre os jovens, fornecendo informações corretas, já que a Orientação Sexual oportuna ao jovem repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções.

Nesse contexto é importante trazer presente a reflexão de Suplicy (2000) ao refletir acerca da escola como lugar privilegiado para abordar e orientar sobre a sexualidade. Suplicy questiona que se a escola não abrir as portas para essa temática, esta se tornará fonte de barbúdia. Disso observa-se que na escola os alunos encontrarem respostas as suas indagações e passaram a lidar com esse tema com maturidade,

Diante disso é preciso destacar a concepção dos PCN's (2001) que considera a escola como lugar que fornece um leque de conhecimentos e de opções que podem ajudar o aluno a escolher seu próprio caminho. Os PCNs reforçam que as temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro dos limites da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma, primeiramente apresentamos o referencial teórico em um capítulo: Capítulo 1 – onde mostramos que a educação está em toda parte, não só na escola, mas na família, na rua, pela mídia. Propomos discussões retratando que a orientação sexual deve ser iniciada cedo, principalmente pela família, para que a mídia e outros fatores externo não traga informações indevidas. Onde procuramos enfatizar a importância orientação sexual dentro da escola, pois ela aborda os diversos pontos

de vista, valores e crenças existentes na sociedade. Mostramos que a escola pode oferecer uma preparação em conhecimentos e atitudes para conferir a sexualidade à profunda dimensão afetiva e social que comporta. Após o referencial teórico, encontraremos a análise dos dados

Escolhemos esse tema por achar de fundamental importância a sua abordagem no contexto escolar e na formação de qualquer profissional da educação.

Portanto, a proposta desse trabalho é informar, criar condições para a discussão de pontos de vista diversos, desenvolver a capacidade de criticar e pensar do educando, erradicar preconceitos e incentivar nos jovens o respeito pelo corpo e pelos sentimentos.

CAPÍTULO I

1.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NA FAMÍLIA

A família é em primeira instância, o elemento formador da criança, e os pais, desde muito cedo, se encarregam da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos de maneira informal, passando seus valores culturais e crenças. A influência da mãe e do pai, no convívio familiar, determina para o filho o que é ser menino e para a filha o que é ser menina.

É na infância que se formam os padrões comportamentais e sentimentais da criança. O primeiro passo de uma boa educação sexual consiste na plena aceitação da condição sexual da criança. Meninos ou meninas devem ser educados sem “excessos de diferenciação”, pois, desta forma, a criança pode aceitar a sua condição sexual naturalmente. É preciso deixá-la reconhecer, descobrir e aprender. Se uma criança não tem desde cedo um esclarecimento sobre assuntos ligados a sexo, não compartilha seus medos e anseios com seus pais, se eles não derem apoio nas suas descobertas, certamente será um adolescente coberto de dúvidas buscando em lugares não saudáveis, de forma deturpada, como por exemplo: em algumas revistas, amigos não preparados etc.

Muitos acreditam que sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela escola. Mas de modo algum se deve pensar que a escola pode sozinha oferecer uma educação sexual, a família ocupa grande papel em relação ao assunto, ela dá as primeiras noções sobre sexualidade, mesmo que indiretamente, por meio de gestos expressões, recomendações e proibições.

Conforme Lopez (2002, p.106):

A família juntamente com os pais serão os principais responsáveis pela educação sexual, embora a escola ajude um pouco; mas nos aspectos biológicos que seriam parte da cultura básica, a escola assumirá um papel importante, pois se trata dos conhecimentos científicos qualificados como “ciências naturais”.

A família transmite seus valores, crenças e culturas e espera que as crianças os assumam, com isso, cabe a escola abordar sobre os valores e crenças existentes na sociedade; as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, preenchendo as lacunas nas informações que as crianças já possuem, criando a possibilidade

de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado, para a partir daí desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

A família realiza a educação sexual de suas crianças diretamente ou indiretamente, mesmo sem falar abertamente. É no comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de cuidados recomendados, nos gestos e proibições estabelecidos, que os valores relacionados com a sexualidade são transmitidos pelos pais e aprendidos pelos filhos. Então é através das palavras, comportamentos e ações dos pais que é determinada grande parte da educação sexual das crianças. Vale ressaltar que outros agentes sociais e vários outros fatores também contribuirão nesse processo, portanto, outras pessoas do convívio da criança ao expressarem sua sexualidade, transmitem conceitos e idéias, preconceitos, tabus, ensinam coisas que contribuirão na educação sexual da criança.

Muitos pais acham difícil falar sobre sexo com os filhos, sentem dificuldades em agir de forma diferente da forma que seus pais agiram com eles. Na educação sexual devemos ser bem sinceros, pois a ignorância e as mentiras provocam resultados desastrosos como o medo, culpa e a mentira cortando assim, o canal de comunicação entre pais e filhos. Conversar é sempre o melhor jeito de explicar para seu filho, a importância de ser bem informado em questões de sexualidade.

Hoje em dia a sexualidade está cada vez mais presente na televisão nas cenas de beijos intermináveis das novelas. A criação está rodeada deste tipo de informação, é daí que surge a curiosidade da criança em relação à sexualidade. Existem alguns pais que disfarçam e mudam de assunto, outros pais estimulam achando engraçadinho ver crianças de 4 ou 5 anos com namoradinho. Devemos parar para refletir que a criança não deve ser estimulada para pensar em namoro. Criança tem que pensar em brincar, o namoro é para adultos.

São várias as indagações sobre sexualidade, as crianças querem saber de onde vêm os filhos? Como nascem os animais? O que é sexo? O que é AIDS? Camisinha é uma camisa pequena? Porque as pessoas se beijam na boca? E não é tarefa fácil responder a todas essas indagações, tão de repente, por isso, os pais devem estar preparados e bem informados para responderem certas indagações dos filhos utilizando uma linguagem próxima dos mesmos, lembrando que seus filhos estão amadurecendo e que não serão eternas crianças.

Nesse enfoque escreve Furlan (2004, p13):

[...] O culto ao corpo e a liberdade de expressão da sexualidade são temas do cotidiano, das telenovelas e filmes, todavia, com toda essa avalanche de informações, nem sempre sensatas, a sexualidade, ainda é tratada como um assunto tabu dentro das famílias. Essa pouca discussão entre pais e filhos sobre a sexualidade [...] gerada seja pela ignorância 'dos conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto'.

É preciso explicar de maneira clara e simples a curiosidade sexual da criança na medida em que ela vai perguntando. Mentiras ou omissões, não ajudaram, é preciso falar a verdade. A família precisa ser à base de todas as informações que a criança recebe, ela precisa se sentir segura para conversar sobre todas as curiosidades, quando a família não responde ela vai procurar as respostas em outro lugar. Infelizmente sabemos que muitas crianças não têm um bom convívio familiar, e acabam buscando apoio e segurança em amigos, professores, revistas etc.

A família deve falar sobre sexo, para que as primeiras orientações sexuais venham de dentro de casa, serão informações mais seguras e os filhos poderão tornar-se mais espontâneos para comentarem em casa sobre o assunto, gerando confiança entre pais e filhos.

A questão da sexualidade mudou nas últimas décadas, antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Vivemos, hoje, um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais. Segundo Cano (2000, p.21), apesar deste período de mudanças em que vivemos, há valores que não devem ser deixados de ser transmitidos as crianças durante todo o seu crescimento:

1. O respeito por si próprio e pela sua dignidade enquanto pessoa.
2. O respeito pelo outro. A ninguém é permitido ver outro como meio de satisfação de suas necessidades.
3. O acesso à informação. Responder o que a criança quer saber de forma honesta e não preconceituosa.
4. Ajudar a criança a desenvolver o espírito de crítica, a capacidade de raciocínio e a reflexão para escolher o que lhe convém.

Portanto, apesar das mudanças, é no convívio familiar, que as questões de sexualidade devem ser debatidas levando-se em conta os valores, atitudes, crenças religiosas e culturais da família. Pois à medida que a criança cresce, o mundo ao seu redor vai se ampliando, além dos limites da família, aparecendo uma diversidade de espaços de educação sexual.

1.2 A MÍDIA E AS INFORMAÇÕES SEXUAIS

Assim como diz Suplicy (2000; p.7) “cada um de nós se encontra inserido, mesmo que não o perceba, num processo de educação sexual”. A visão que cada um tem sobre a sexualidade vai depender da vivência, das experiências e influências. Pois, “[...] o contato cotidiano da criança com os pais, o processo de socialização que se segue, a influência da mídia e dos grupos sociais – faz parte da educação sexual. [...]”. (SUPLICY 2000; p.8).

Além da família e da escola a educação sexual pode acontecer em contextos informais, onde a ação educativa não é planejada; pela interação uns com os outros, na participação de determinados grupos e através da mídia.

A mídia tem sua importância como transmissora de notícias do mundo, de informações importantes, divulgação de serviços e lugar de entretenimento, ela ajuda a moldar visões e comportamentos. Também informa, veicula campanhas educativas a diversos públicos. É notável que os meios de comunicação exerçam hoje uma influência decisiva na educação de crianças e jovens.

Porém a mídia também tem seu lado negativo ao difundir imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, aumentando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais e ao moralizar e reforçar preconceitos. Então podemos concluir que a mídia pode produzir conceitos e explicações tanto errôneas quanto fantasiosos. Ela vem mostrando de forma clara cenas de homens e mulheres nus, sexo ou algo semelhante, beijos ardentes na boca, casal deitado na cama trocando carícias sobre o lençol, corpos nus rebolando, e estas imagens acabam influenciando as crianças, mesmo sem saber o significado, elas acabam querendo imitar esses comportamentos e começa a despertar várias curiosidades.

Como a infância é o momento em que a criança está desvendando a sexualidade, descobrindo o seu corpo, seu prazer e formando suas opiniões e conceitos referentes ao assunto é um bom período para trabalhar a Educação Sexual. Tanto os pais como os educadores devem estar preparados para responderem as dúvidas das crianças claramente, sem fazer rodeios.

Na maioria das vezes a mídia mostra a sexualidade como genitalidade. O sexo é desvinculado do amor, é algo visto como prazer momentâneo, não pensa nas conseqüências. Sexo irresponsável. Para mudar é preciso desde cedo ensinar a criança a ter controle sobre sua vida, cuidar de si mesmo e, principalmente, amá-la, pois amor não se ensina, se aprende fazendo, desta forma a criança vai valorizar esse sentimento. O problema não é somente a mídia, mas a ausência dos pais. Os pais devem verificar se os programas de TV que seus filhos vêem são adequados para suas idades. Se os valores passados por determinado programa não forem os mesmos da família, e se a criança já tem assistido, os pais devem assistir junto com ela e explicar por que tais comportamentos são reprováveis.

Como sabemos a educação não acontece somente na escola, podemos encontrá-la em vários meios das relações sociais. E a influência dos meios de comunicação sobre a sexualidade é bastante relevante, pois atualmente esses meios expõem de modo vulgar o

corpo, o ato sexual e a sexualidade como um todo, tudo isso na busca de obter audiência, íbope e lucro, causando assim um conflito notável entre escola, família e sociedade.

Se a escola oferecer um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, ela estará contribuindo para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares.

Por isso os educadores devem ser possuidores e informados de toda a concepção filosófica e histórica que norteia o processo da Educação Sexual, e a escola deve considerar no Projeto Político Pedagógico a realização dessa educação dentro da escola.

1.3 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A sexualidade ocupa um lugar importante na vida que deve figurar numa concepção integral da educação, onde a dimensão da sexualidade não é exclusivamente biológica, mas tem claras conseqüências sobre as relações pessoais e a estrutura social. Além da família outro espaço estruturado para abordar essa temática é a escola, por seu papel primordial na vida de cada ser humano. Através da Orientação Sexual as instituições de ensino proporcionam uma ampla visão sobre a sexualidade, dando oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais.

De acordo com Suplicy (2000; p.8):

Um espaço privilegiado é certamente a escola, já que a Orientação Sexual é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização e temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito.

A orientação sexual dentro da escola está relacionada com a promoção da saúde das crianças, podendo-se trabalhar com ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis; com o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos; com a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, prostituições e pornografia; buscando sempre o bem-estar das crianças e adolescentes na vivência de sua sexualidade. No geral a orientação sexual procura considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural.

Na prática a maioria das escolas aborda apenas a reprodução, o aparelho reprodutivo, porém os aspectos emocionais, éticos e culturais, assim como as ansiedades e curiosidades das crianças, são deixados de lado, enfocando apenas o corpo biológico e não incluindo a

dimensão da sexualidade. Por meio das aulas de orientação sexual, expondo e debatendo os aspectos emocionais, éticos e culturais, a escola pode desempenhar de forma satisfatória uma de suas funções, a de incrementar conscientemente as responsabilidades de seus educandos. Assim a ao tirar as dúvidas e explicar as curiosidades dos alunos a escola estará contribuindo para que o desejo de saber seja incentivado ao longo da vida.

Se acreditarmos que a sexualidade vai além dos limites da reprodução, é preciso tratá-la como conteúdo educativo. A ação educativa precisa estimular o compartilhamento de experiências de vida e de conteúdos afetivos à sexualidade aprendidos até o momento. As crianças não devem estar limitadas a ouvir, aceitar e assimilar os conteúdos transmitidos pelo professor, o incentivo da iniciativa de discussão deve ser possibilitado pelo professor, para que com as informações adquiridas pelas crianças possam ser fortalecidas.

A sexualidade vai além da procriação, por isso deve ser trabalhada com vários objetivos para poder alcançar alguns propósitos da educação sexual tais como: conhecimento sobre o sexo, aceitação da própria sexualidade, respeito e compreensão para com o sexo oposto, preparação para a relação sexual. Sendo assim, a educação sexual deve ter um lugar no aprendizado escolar. Conforme Suplicy (2000, p.10):

Se a escola não tratar da questão sexual, estará transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se pode falar. (...) é função da escola contribuir para a visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades.

A escola deve aprofundar e preencher as lacunas nas informações que os alunos obtêm nas ruas, nos meios de comunicação. Vários fatores, tais como: influência da mídia, repercussão da AIDS, aumento de gravidez indesejada e violência sexual dentro e fora de casa, têm impulsionado as instituições escolares a propagar trabalhos de orientação sexual.

Como vimos, a sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meios das relações familiares, que transmite seus valores. A escola por sua vez, abordará os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade, esse trabalho da escola não substitui nem compete com a função da família, mas a complementa. Assim, podemos afirmar que a educação sexual desenvolvida na escola ou na família não precisa incluir a preparação de técnicas sexuais, mas uma preparação em conhecimentos e atitudes para conferir a sexualidade à profunda dimensão afetiva e social que comporta; onde a educação sexual terá objetivos próprios para cada idade e momento de maturação. De acordo com Suplicy (2000, p.13):

Se a escola não abrir um espaço de discussão, a sexualidade se transforma em fonte de agressão, balburdia e exibicionismo. Ao falar sobre sexo, os alunos se conscientizam dos seus temores, encontram respostas às indagações e passam a lidar com o tema de forma madura, possibilitando maior tranquilidade em meio ao turbilhão da adolescência.

Logo cabe a escola abordar os diversos pontos de vistas, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno na sua concepção sobre o sexo, aceitar a própria sexualidade, respeitar e compreender o sexo oposto, e prepará-lo para a relação sexual, ou seja, a escola buscará problematizar, questionar e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno possa escolher seu caminho. A orientação sexual pode propiciar transformações nos relacionamentos pessoais, na troca de idéias, nas reflexões de alguns atos e respeito pela diversidade.

Segundo os PCN's (2001, p.121):

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. (...) as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

É através da possibilidade de transmissão de conhecimentos, de forma ampla, intensa e segura, que se nota a importância das instituições de ensino tratar o tema sexualidade na sala de aula.

A escola como qualquer outra instância social, é um espaço sexualizado e generalizado, estando assim envolvida com as formas culturais e sociais, onde as crianças vão viver e constituir suas identidades de gênero e identidades sexuais, ao longo de sua maturidade.

De acordo com os PCN's (2001, p.122):

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Além disso, a escola pode preencher as lacunas nas informações que os alunos obtêm fora da escola, pois a escola, através da orientação sexual, pode abordar as repercussões das informações transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, discutindo e informando os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade. Ao informar, a

escola cria possibilidades para os alunos formarem opiniões a respeito do que lhe é apresentado.

O tema sexualidade deve ser bem discutido. Pois conforme Meira (2002, p. 15):

As informações sexuais não devem ser antecipadas nem devem ser negadas ou respondidas de formas evasivas, não devem deixar dúvidas na cabeça das crianças, nem deixá-las com a sensação de estarem sendo enganadas.

As dúvidas surgidas pelas crianças devem ser respondidas na medida do seu entendimento e linguajar, sem distanciar demais da verdade, as informações sexuais não devem ser antecipadas para não precipitar conceitos sobre sexo que a criança não esteja preparada para recebê-los, nem devem ser negadas ou respondidas de formas evasivas, as crianças não devem ter dúvidas, nem sentir a sensação de serem enganadas. As respostas devem ser convincentes, objetivas e verdadeiras, devendo restringir-se a pergunta da criança, utilizando uma linguagem próxima da mesma e as explicações mais detalhadas devem vir com o avanço da idade ou do nível de compreensão.

A busca do prazer e as curiosidades manifestadas acerca da sexualidade estão sempre presente na vida das crianças e dos jovens, isso porque fazem parte do processo de desenvolvimento destes, diante disso as informações sobre sexualidade devem ser expostas no momento certo, de forma coerente sem complicações, fantasias ou mentiras. Sabemos que é possível falar sobre sexo utilizando uma linguagem educativa, terapêutica, erótica ou pornográfica, daí a grande importância do sexo ser discutido na escola que é um ambiente educativo de caráter conscientizador e realista. Na escola esse tema será exposto de forma precisa, no devido momento e para as pessoas certas, ou seja, tanto as crianças como os jovens saberão sobre sexualidade conforme seu desenvolvimento humano, na hora certa.

A Orientação Sexual bem-sucedida pode proporcionar vários resultados positivos, ainda mais se existir uma relação de confiança entre alunos e professor. Diante disso, o educador deve respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos.

Toda e qualquer curiosidade sexual infantil deve ser respeitada e a partir dela se estabelecer uma relação de confiança entre professor e aluno, no nível do diálogo, da palavra e da cientificidade que requer o conhecimento acerca da sexualidade.

De acordo com Suplicy (2000, p.25):

É provável que o professor precise enfrentar risos, piadas e cochichos. Ao invés de se irritar ou sentir-se alvo de gozações e desrespeito, procurar entender o quanto é nova essa situação também para os alunos. Os

sentimentos de vergonha, medo, ansiedade podem estar presentes nesses comportamentos.

Sabe-se que alguns alunos se comportam de forma zombadora, quando é proposta a discussão sobre sexualidade, porém é preciso que o professor mantenha-se firme, sem reprimir, mas orientando e discutindo sobre esses comportamentos. Pois o comportamento do professor e o ambiente onde é tratado o assunto vai sim influenciar nas atitudes dos alunos.

Na orientação sexual, a ação escolar é vista com complementar da educação dada pela família. Sendo necessário que a escola informe as família sobre a inclusão deste tema na proposta curricular, enfatizando os objetivos e a dinâmica do processo, como também que se tenha o apoio dos pais, para uma orientação sexual com êxito.

Segundo os PCN (2001), a postura do professor e da escola no trabalho de Orientação Sexual deve se relacionar com uma série de recomendações:

- O objetivo principal é desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos e como algo ligado ao prazer e à vida;
- Não cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos;
- O respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos é uma atitude a ser estimulada no debate entre educadores e alunos;
- A escola deve atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região;
- É importante que os alunos conheçam os métodos contraceptivos, suas indicações e contra-indicações. Nesse item, cabe destacar o uso da camisinha como meio de prevenção da gravidez e da contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a AIDS;
- É necessário que se trabalhe com informações atualizadas sobre transmissão e prevenção de contágio da AIDS, com o histórico das enfermidades, a diferença entre um portador do vírus e uma pessoa que desenvolve a doença e as formas de tratamento;
- A repetição de conteúdos faz bem aos alunos, porque a sexualidade nas pessoas é despertada em momentos diferentes.

A sexualidade não deve ser mais vista com olhar preconceituoso ou de forma proibida, pois ela está ligada ao prazer e a vida, é marcada pela história, cultura e ciência, como também pelos afetos e sentimento. Por muitos a sexualidade é tida como expressão cultural, a sociedade desenvolve regras que são consideradas como fundamentais para o comportamento sexual das pessoas.

A escola não vai julgar a educação dada pela família, ela pode complementar. Na verdade ela vai expor diversas concepções crenças e valores sobre a sexualidade e o aluno vai se situar dentre estes e construir opiniões, mudar comportamentos ou não. Caberá a escola trabalhar o respeito às diferenças, começando pelo respeito à educação dada pela família.

Para que o professor transmita valores com relação à sexualidade no seu trabalho, buscando responder as questões trazidas pelos alunos, é preciso uma formação específica, para a construção de uma postura profissional e consciente com relação a esse tema, sempre tendo cuidado para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas.

Na orientação sexual é necessária uma relação de confiança entre aluno e professor, que haja espaço para as diferentes crenças e valores, oportunidade de expressar as dúvidas e os questionamentos sobre os diversos aspectos ligados à sexualidade. Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, fundamentando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores. Isso quer dizer que a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes.

Portanto a importância de se abordar a sexualidade no âmbito escolar é fundamental, tanto no que se refere aos aspectos biológicos como, e principalmente, nos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos.

A escola é um lugar privilegiado, de ajuda em potencial, porque o aluno não está aí apenas por um dever moral ou obrigação social, mas há também um motivo interno: o desejo de saber. A energia que origina a curiosidade sexual vai se diferenciar e se transformar no desejo de saber, o que resulta no prazer de adquirir conhecimentos. (SUPLICY; 2000, p.33).

Por ser lugar privilegiado de ajuda potencial, a escola deve satisfazer o desejo de saber que os alunos tanto exigem. A curiosidade pode se transformar em desejo de saber, e conseqüentemente no prazer de adquirir conhecimentos, logo, a escola como mediadora do conhecimento deve usar essa transformação como fator estimulante para a aquisição do conhecimento.

A postura do educador e o aprofundamento teórico sobre as questões sobre sexualidade é muito importante. O professor que orientar não precisa ser da área de Ciência, importa que ele tenha interesse e disponibilidade para esse trabalho, sabendo que este trabalho requer continuidade e sistematização, envolvendo as dúvidas, preocupações e ansiedade, que se modificam nas diversas faixas etárias.

O educador ao trabalhar com a orientação sexual busca contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, busca também

o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribuir na formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades. O papel do educador é essencial para que as crianças aprendam a refletir e tomar decisões coerentes com seus valores, estando conscientes de sua participação em uma sociedade que reúne a diversidade.

Para os PCN (2001, p.311), a escola deve se organizar para que os alunos, ao fim do ensino fundamental, sejam capazes de:

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito a expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- Identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos;
- Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos dos outros;
- Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois;
- Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis /AIDS;
- Consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.

Diante tudo isso é mais que notável que é de suma importância tratar a Sexualidade na escola, por ser um lugar excepcional de aquisição, informação e esclarecimento de conhecimentos.

CAPÍTULO II

ANÁLISES DOS DADOS

2.1 ESTUDO DE CASO

Segundo Roese apud Matos (2001, p.58), o estudo de caso é um procedimento muito idealizado quando é selecionado apenas um objeto de pesquisa, detendo assim grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos.

Este procedimento é uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, isso pela facilidade operacional que proporcionam. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das populares entre os investigadores.

De acordo com Gil apud Matos (2001, p.58), “o estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados”. Segundo o autor acima citado a observação é uma técnica muito utilizada principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro.

Vale salientar que é imprescindível para que o estudo de casos se concretize de forma eficaz que o investigador tenha as habilidades desejadas para extrair do caso as informações relevantes através de procedimentos fortemente baseados na percepção e na capacidade analítica, sendo indispensáveis características como a de ser capaz de formular boas questões e de interpretar as respostas, ser bom ouvinte então ficar prisioneiro de seus preconceitos, ser adaptativo e flexível sem perder o rigor. Este estudo de caso foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dondon Palitot Gomes, localizada na Rua Odon Bezerra s/n na cidade de São José de Piranhas. Salientando que é fundamental I é constituído por 245 alunos onde o 4º ano é constituída por 20 alunos na faixa etária de 10 a 15 anos.

O referido estudo foi realizado através de instrumento que compreende questionários aplicativos aos alunos, entrevistas realizadas com os professores e como também através de observações feitas na escola, as quais foram registradas no caderno e também através do estágio realizado na escola acima citada.

Em relação à abordagem da educação sexual na escola todos os educandos entrevistados quando convidados sentiram-se incomodados alegando não saber falar de “sexo” e muitos professores apresentaram pouco interesse em responder, outros falaram que não tinham tempo.

2.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Nesta etapa da pesquisa, analisamos os dados coletados a partir dos questionários aplicados aos professores dos anos iniciais – de 1º ao 4º ano do ensino Fundamental – da E. E. F. Dondon Palitot Gomes, como também os questionários aplicados aos alunos do 4º ano deste citado estabelecimento de ensino.

A sistematização da análise tinha como base a quantidade e os significados da pesquisa em que os dados foram analisados, interpretados e fundamentados. Desse modo, a seguinte análise traz uma descrição analisada das respostas coletadas.

2.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES

Foram distribuídas oito (08) questões abordando o tema sexualidade na escola, com o objetivo de investigar a orientação sexual dada pelos professores aos alunos e identificar que perspectiva este assunto pode contribuir na aprendizagem dos alunos e como reproduzem no interior da escola. Os professores receberam as questões, analisaram e responderam. Mostraram que este tema reflete em diversos fatores, família, social, religioso e principalmente no campo escolar. Passaram que a escola não oferece condições aos educadores nem apoio para encarar situações que virão repercutir ao abordar assuntos sobre sexualidade.

A 1ª pergunta questionava se o professor discute na sala de aula questões relacionadas à sexualidade. A metade respondeu que sim, justificando que de maneira vaga. Somente duas falaram que se aprofundam no assunto. A professora A mostrou que é importante envolver a questão da sexualidade nas aulas, e relatou da seguinte forma: “o mundo anda diferente, as informações chegam depressa e nós como educadores temos que abordar tais assuntos antes que cheguem aos ouvidos do aluno de maneira errada”. A professora B explanou “às vezes surgem bochichos entre os alunos, então interveio explicando sobre o que estão discutindo, mas dentro do que sei”. A outra metade disse que

não, alguns acreditam que é de responsabilidade da família, que a mídia atrapalha e que podem até discutir, porém com os limites necessários. Notamos que não existe uma preparação para discutir sobre esse assunto, por isso os professores só falam no assunto quando escutam os alunos conversando pelos corredores ou quando um aluno pergunta sobre o assunto.

Sabemos que durante a Educação Infantil, que é parte fundamental na vida da criança, é um bom período para trabalhar a Educação Sexual, pois a criança está descobrindo seu corpo, seu prazer, está formando suas opiniões e conceitos sobre a sexualidade. Sobre isso Furlan (2004, p. 8) diz que:

[...] Faz-se necessário considerar que a educação não se reduz à escolarização ou a instrução, uma vez que é entendida como um processo educativo que se encontra conectado com todos os componentes explícitos ou implícitos, formais ou não formais intencionais que ocorrem nas relações sociais [...]. Em face disso, considera-se a relevância que a educação sexual precisa ter em todos os aspectos sociais, uma vez que esta se situa num momento social e histórico. No entanto há de se enfatizar a influência dos meios de comunicação sobre essa educação os quais expõem de modo vulgar o corpo, o ato sexual e a sexualidade como um todo, buscando obter audiência, ídolo e lucro, assim causando um conflito notável entre escola, família e sociedade.

A educação sexual exige que os educadores, em especial, estejam embasados teoricamente e sejam detentores e conhecedores de muitas informações que envolvem esse assunto.

A 2ª pergunta questionava o que é sexualidade. A maioria dos professores deixou em branco esta pergunta. Os que responderam falaram que a sexualidade é um tema que envolve reprodução, sexo, prazer, saúde doenças sexualmente transmissíveis afetos e sentimentos.

Ao perguntar se o educador considerava-se preparado para falar sobre sexualidade em sala de aula, os professores falaram que não, e justificaram alegando que não houve uma preparação pedagógica para melhor abordar esse tema em sala de aula. Afirmaram que é um tema difícil, por ser complexo e depender muito da realidade de cada aluno, de cada cultura em questão.

Uma das perguntas questionava a que se pode atribuir às dificuldades encontradas para discutir Orientação Sexual na Escola. Muitas dos entrevistados indagaram que as dificuldades de discutir esse tema se atribuem a imaturidade das crianças, a falta de conhecimento sobre o assunto e a falta de preparação dos pais em casa. A professora A respondeu que se atribui “a uma formação precária a essa temática”.

A 5ª pergunta questionava se durante a formação, o professor teve acesso a conhecimentos relativos à Orientação Sexual. Todos responderam que não, por isso alegam que não possuem preparação pedagógica.

Ao perguntar se a escola em que desempenha seu papel demonstra interesse em realizar projetos sobre Orientação Sexual, alguns professores responderam que não e outros que sim e justificaram que desenvolver projetos com tal temática é interessante e importante tanto para a escola quanto para os alunos.

A penúltima pergunta interrogava se os alunos demonstram algum interesse ou curiosidade por assuntos sobre sexualidade. Poucos dentre os entrevistados responderam que não. Em oposição à maioria respondeu que sim.

E a última perguntava se o professor notava a participação da escola na orientação Sexual dos alunos. A maioria respondeu que não. A professora A respondeu que “quanto a esses assuntos a escola está parada, mas não deveria está”. A professora B indagou que a escola introduz esse tema em palestras para os pais dos alunos.

Observamos que a escola não participa ativamente da orientação sexual dos alunos, os professores só falam no assunto se ouvir “buchichos”, se uma criança indagar ou quando o livro trata de reprodução. Existe um receio por não terem sido preparados pedagogicamente, mesmo sabendo que uma boa orientação pode modificar atitudes futuras.

2.4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

A escola possui alunos que vivem em situações muito difíceis financeiramente, a maioria dos alunos onde fiz a pesquisa faz parte de famílias de baixa renda, uns são filhos de mãe solteira, outros fazem parte de famílias desestruturadas. Esses alunos demonstram pouco apoio familiar, pouca informação sobre esse tema

Foram questionados dezoito (18) alunos e todos se colocaram em um mesmo pensamento, mostrando que é difícil falar sobre educação sexual.

A 1ª pergunta questionava o que é sexualidade, alguns alunos responderam que a “sexualidade é uma relação que acontece com um homem e uma mulher quando estão apaixonados”; outros responderam que “é um momento de prazer no qual deve ter amor e responsabilidade”; um determinado aluno disse que sexualidade “é uma coisa que marido e mulher fazem”; outro aluno respondeu simplesmente que “é fazer sexo”; o aluno X disse “é um prazer que o homem faz com a mulher e pode gerar filhos”; e outro respondeu que sexualidade “é uma coisa que as pessoas gostam de fazer”. Vimos que a maioria dos alunos

considera a sexualidade como o ato sexual, “fazer sexo”. De acordo com o único aluno que respondeu que sexualidade é falar sobre sexo, pois a sexualidade possui distintas concepções que se colocam como pressuposto teórico para a educação sexual. É neste sentido que a sexualidade não se reduz à união dos órgãos genitais e tampouco pode ser confundida com o ato sexual reprodutivo, pois este tanto pode estar inserido num relacionamento afetivo quanto indiferente a qualquer ligação amorosa. Ou seja, uma união sexual genital pode acontecer por atração, desejo, prazer, como pode ser uma manifestação de poder, violência-prazer e opressão de uma ou mais pessoas sobre outrem.

Ao perguntar se os alunos tinham vergonha de falar sobre sexualidade metade respondeu que sim e metade respondeu que não. Alguns até se justificaram dizendo que não tinham vergonha porque falando aprenderiam sobre como fazer sexo, não tinham vergonha porque faz parte da vida, porque é uma coisa comum. Notamos que existe um equilíbrio, alguns ainda se sentem tímidos para falar desse tema, já outros acham que é comum.

Uma das perguntas questionava se os alunos achavam interessante trabalhar com esta temática, muitos responderam que sim, alegando que por estarem na adolescência devem saber um pouco mais da sexualidade. De acordo um dos alunos, trabalhar com esse tema pode ajudar a prevenir contra algumas doenças, gravidez precoce e auxilia no desenvolvimento da mentalidade dos alunos em respeito a aceitar o sexo oposto. Conforme matéria publicada na Revista Mundo Jovem (2003):

Os adolescentes querem saber não só coisas sobre a reprodução humana, mas também, e principalmente sobre as origens, como controlar e como avaliar, por exemplo, as suas fantasias, impulsos sexuais quando, onde e com quem devem trocar suas primeiras carícias, o que é ser mulher, o que é ser homem; qual a importância de ser mulher e homem na nossa sociedade; quando e com quem deve relacionar sexualmente; quais as consequências de uma gravidez indesejada?

A 4ª pergunta questionava se os alunos gostariam que a professora explicasse sobre sexualidade em sala de aula, e a 6ª questionava se devemos respeitar os diferentes tipos de comportamento sexuais, para ambas as perguntas todos responderam que sim. Notamos que existe um grande interesse sobre o tema e que os alunos possuem uma mente aberta, sem tanto preconceito.

Ao perguntar quais conteúdos o aluno gostaria que fossem discutidos em sala de aula, dentre doenças como AIDS e DST's, corpo humano, violência sexual e gravidez, a maioria optou por doenças como AIDS e DST's, em segundo lugar optaram por violência sexual, em terceiro por gravidez e o assunto de menor escolha foi o corpo humano. Com essa

análise percebemos que os alunos querem saber mais sobre as doenças. Como a violência sexual aumentou bastante nas últimas décadas, a curiosidade também surgiu para esse assunto. Mais da metade querem saber sobre gravidez, é conteúdo que deve ser bem discutido, pois os casos de gravidez precoce vêm aumentando bastante.

Uma das perguntas questionava se a família discute o tema sexualidade em casa e como isso acontecia. A maioria dos alunos entrevistados respondeu que não. Apenas 1 justificou dizendo que não falavam isso com ele porque seus pais são tímidos. Os outros responderam que às vezes, porém falando de doenças e de como se prevenir. Um aluno comentou que é na família onde deveria dar os primeiros passos sobre o tema, mas infelizmente, esta não é a realidade a qual vivemos, esperamos que a escola tome iniciativa, enquanto isto estas informações são dadas por parte dos meios de comunicação. Deste modo compreende-se que a sociedade projeta a educação sexual como sendo responsabilidade da escola, como frisa Gentile (2006, p.22):

[...] O constrangimento dos pais em tratar do assunto aumenta a falta de informação dos jovens e faz com que a escola se torne o principal espaço de educação sexual, [...] Entende-se que os pais são os exemplos mais próximos e primeiros para as crianças, mais tarde a escola se tornará o exemplo e após a sociedade, os quais influenciam muito na formação do indivíduo, de maneira positiva ou negativa. Porém acredita-se que a educação sexual é responsabilidade não só da escola, mas, de todo o contexto social que a criança está inserida.

A penúltima pergunta interrogava qual idade o aluno acredita ser ideal para a primeira relação sexual e por quê? Uma aluna respondeu que não sabia, outros disseram que com 19, 20, 23 anos. Mas a maioria respondeu que com 18 e justificaram dizendo: “porque não devemos fazer sexo muito velho”; “porque é a idade que a pessoa fica de maior e tem mais responsabilidade”; “porque a gente fica com mais responsabilidade”; “porque é bom curtir a vida”; “porque já sabe se prevenir”; “porque já é maior de idade”. Com essas respostas observamos que esses alunos ligam a maior idade a ter responsabilidade e por isso já serem capazes de se relacionar intimamente com seu parceiro, nenhum colocou em questão o sentimentalismo, o amor, a hora ideal, depois do casamento. Com isso percebemos que aquela cultura dos nossos pais já não está mais em vigor e o que acontece na realidade é uma iniciação sexual muito precoce.

No Brasil, a idade média é de 16,9 anos para meninas e 15 anos para os meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção. Segundo esses autores, 26% da população feminina de 15 a 24 anos já viveu uma gravidez, sendo que a mesma foi indesejada para 40% dessas jovens. (LOPES & MAIA 1993 apud CANO 2000).

E a última perguntava qual o lugar que o aluno mais escuta falar em sexo. A maioria respondeu que na televisão. Um número considerado respondeu que entre colegas e apenas um respondeu na escola. Nenhum aluno respondeu na família. Novamente percebemos que a família não discute esse tema em casa. E as crianças e adolescentes vão tomando conhecimentos desse tema pela televisão, ou entre amigos, faltando o lado científico e cultural.

Pudemos observar que os educandos têm muita necessidade em discutir sobre sexualidade na escola, já que a família não discute. Portanto a escola precisa torná-la capaz de transformar o conhecimento dos nossos educandos com relação ao tema sexualidade, não apenas integrar-se ao programa de conteúdos, mas trazer questionários para os alunos refletirem o assunto abordado.

2.5 ANÁLISE DO ESTÁGIO

O estágio foi de grande importância, pois possibilitou refletir sobre a orientação sexual dentro da escola. As atividades trabalhadas em sala de aula foram auxiliadas por teorias que deram fundamento para compreensão das atividades desenvolvidas durante todo o estágio.

Percebemos que a teoria e a prática são interligadas, de maneira que juntas norteiam a sistematização do processo ensino-aprendizagem. A teoria dá subsídio à prática, e está usada a teoria como fundamento.

A realização do estágio ocorreu na cidade de São José de Piranhas numa escola pública da rede Estadual. A escola escolhida foi a Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dondon Palitot Gomes. Este estágio foi desenvolvido com alunos do 4º ano, com idade entre 10 a 12 anos de idade.

Preocupou-se durante as aulas, motivar os alunos a querer aprender mais, a ter mais curiosidade pelo que está sendo estudado. Durante a prática de ensino a metodologia utilizada foi a leitura compartilhada, exposição verbal, roda de conversa, produção de pequenos textos autobiográficos, levantamento dos conhecimentos prévios, trabalhos coletivos ou individuais, debates.

O objetivo foi provocar aos alunos a curiosidade, para ir mais além do que é dado na sala de aula, fazendo com que os alunos possam produzir seu próprio conhecimento, desenvolvendo assim a capacidade de reflexão

É importante destacar os problemas ocorridos durante o estágio. Posso citar a falta de compromisso por parte de alguns alunos, a falta de recursos didáticos, escola não apresenta biblioteca, sala de vídeo, o método de ensino aplicado ainda é o tradicional. Todos esses problemas citados serviram para refletir sobre a realidade da educação nas escolas estaduais em nosso Estado, como também a necessidade de refletir sobre novas práticas de ensino que possam estimular o aluno a contribuir no processo de ensino e aprendizagem. Mediante o exposto a escola apresenta muitas dificuldades que de um modo geral prejudicam todos os alunos, pois a falta de espaço e dos recursos didáticos faz com que os alunos percam o interesse em interagir com os professores.

Outro problema observado foi que a maioria dos pais não participa da vida escolar dos seus filhos, tendo como resultado o desinteresse do aluno, por outro lado percebi que quando os pais estão engajados com a escola, os alunos possuem uma maior responsabilidade, atingindo a maturidade escolar.

A experiência por mim vivenciada como estagiária na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dondon Palitot Gomes foi de extrema importância na minha atuação como professora, visto que se tratou do meu primeiro contato com a sala de aula. Posso, portanto, durante esta experiência perceber pontos positivos e negativos por parte do alunado. Percebi como traços positivos o envolvimento de alguns por meio de atividades escritas e interativas, no que diz respeito à aprendizagem e conseqüentemente assimilação de conteúdos. Já nos traços negativos se faz notório a dificuldade na leitura e nos cálculos.

Procurei sempre iniciar as aulas com dinâmicas para despertar uma interação com a turma. Nas aulas de Português incentivei a interpretação e a produção de textos. A metodologia que utilizei foi aulas expositivas dialogadas, roda de conversas, produção de textos, debates. Esta metodologia me ajudou a não desenvolver procedimentos que levasse a uma aprendizagem mecânica, pois pude perceber que os alunos construíram seu próprio conhecimento. Durante as aulas de Matemática, envolvi jogos, assim eles aprendiam se divertindo. Já nas aulas de Ciências, Geografia e História, procurei expor através de cartazes, figuras, fotografias, slides, filmes etc., os conteúdos, pois com imagens o poder de assimilação é maior. Nas aulas de Religião busquei expor o que tem de comum entre as religiões, para que não houvesse e nenhuma divergência entre os alunos. E nas aulas de Artes, procurei não prender a desenhos, e sim envolvê-los na cultura brasileira, incentivando-os a apreciar e valorizar as danças locais e regionais, representar as lendas, construir parlendas e anedotas dentre outras atividades.

Durante o estagio de regência pude ter o prazer de ver alguns alunos participando nas aulas. Posso confirmar que concluí com sucesso o estágio e como foi importante, pois o estágio me ensinou a ensinar e a construir conhecimento dia após dia, possibilitando transmitir todo o conhecimento que adquiri durante todo o curso.

CONCLUSÃO

São inúmeras as conclusões tiradas com o presente trabalho, pois o mesmo proporcionou e estimulou a uma reflexão sobre a abordagem da sexualidade dentro da escola.

Foi através das respostas dos alunos e dos professores entrevistados, que vimos a necessidade de se trabalhar a sexualidade na escola, diante das muitas informações desviadas que os alunos possuem, e da insegurança transmitida pelos professores de não serem capazes de falar sobre esse assunto com seus alunos.

Vimos que além da família, a escola é o local para inserir no processo educacional a educação sexual. Já que esta possui uma estrutura adequada para proporcionar o aprendizado formal, é um lugar freqüentado por grande número de crianças e jovens, continuamente, durante várias horas de seu dia e por um longo período de sua vida, e favorece as relações sociais e trocas intensas de informações e de normas de conduta, que influenciam direta ou indiretamente o indivíduo.

É importante que o educador busque orientar seus alunos quanto aos comportamentos e relacionamentos sexuais de forma que estes não se sintam constrangidos diante de certas situações. Desse modo o docente pode organizar reflexões e questionamentos que levem os alunos a expor suas dúvidas sem constrangimentos.

É notório que a escola não pode responsabilizar-se sozinha pela educação sexual, é preciso que os pais assumam bem antes essa responsabilidade, pois embora a escola desempenhe um papel fundamental nessa temática, a família é primordial no desenvolver da educação sexual, proporcionando a criança uma aprendizagem sem dor, culpa e vergonha.

Ao abordamos o tema “Sexualidade”, percebemos a importância que este possui no contexto escolar e na formação de qualquer profissional da área da educação.

O resultado desse trabalho nos proporcionou conhecer, discutir e refletir sobre a orientação sexual dentro da escola, onde enfatizamos e ressaltamos que estudos como este deverão seguir, em virtude de ser um tema abrangente e importante, não podendo, portanto, adquirir caráter final, mas provisório devido a sua importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAFÉ, Sônia, VILLARES, M^a Raquel S; SOUZA, Walter de Sousa. **O que é mesmo a sexualidade?** Coleção para você ter um click. São Paulo-SP, 1996.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M. das G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

CAVALCANTI, Ricardo. **Tratamento étnico das inadequações sexuais**. 2 ed. São Paulo: Roca, 1996.

DESLANDES, Suelly Ferreira. **A construção do projeto de pesquisa**. In: MINAYO, M.C DE S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

FURLAN, Samira. **Sexualidade e Educação Sexual: fundamentos e normas**. In: Sexualidade e Educação Sexual: Um estudo sobre as representações das acadêmicas do curso de pedagogia da UnC. Concórdia 2004.

GENTILE, Paola. **Eles querem falar de sexo**. Revista Nova Escola: Educação Sexual. Abril - 2006. p.22-29.

LOPEZ, Jaime Sarramona. **Educação na família e na escola. O que é, como se faz**. São Paulo, 2002.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MEIRA, Luiz B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. João Pessoa: Autor associado, 2002.

MEYER, Dagmar E. Estermann, (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2^a ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Pluralidade Cultural: Orientação Sexual**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. -3 ed. V. 10. Brasília: A secretaria, 2001.

REVISTA MUNDO JOVEM, fevereiro, 2003 – 15.

SUPLICY Marta (org.). et.al. **Sexo se aprende na escola.** – São Paulo: Olho d'água 2000.

———. **Sexo para adolescentes: amor, sexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS.** 3 ed. São Paulo 1995.

ANEXOS

QUESTIONÁRIOS PARA OS ALUNOS

NOME:
IDADE:
SEXO:
ESCOLA:

1. Para você o que é sexualidade?
2. Você tem vergonha de falar sobre sexualidade?
3. Você acha interessante trabalhar com este tema? Por quê?
4. Você gostaria que sua professora explicasse sobre esse tema em sala de aula?
5. Deveremos respeitar os diferentes tipos de comportamentos sexuais?
()sim () não
6. Marque com X alguns conteúdos que você gostaria que fossem discutidos em sala de aula.
()doenças como a AIDS e DST's
()O corpo humano
() Violência sexual
() Gravidez
7. Sua família discute o tema sexualidade em casa? Como?
8. Que idade você acha ideal para a primeira relação sexual? Porque?
9. Qual é o lugar que você mais escuta falar em sexo?
()escola ()televisão ()entre colegas () família () outros

QUESTIONÁRIOS PARA O PROFESSOR

IDENTIFICAÇÃO:

SEXO:

SERIE QUE LECIONA:

DISCIPLINA:

TEMPO DE ATUAÇÃO:

1. Você discute na sala de aula questões relacionadas à sexualidade?
()sim ()não porque?
2. O que é sexualidade para você?
3. Como educador (a), você considera-se preparado (a) para falar sobre sexualidade em sala de aula? Justifique.
4. A que você atribui às dificuldades encontradas para discutir Orientação Sexual na Escola?
5. Na sua formação, você teve acesso a conhecimentos relativos à Orientação Sexual?
6. A escola na qual trabalha tem demonstrado interesse em realizar projetos sobre Orientação Sexual? Por que?
7. Seus alunos demonstram algum interesse ou curiosidade por assuntos sobre sexualidade?
8. Você vê a participação da escola na orientação Sexual dos alunos?